

# Instituto de Belera Moral

## Acto I

Vem a sala moderna e elegante, mas sôbria e sem excessos de cores e caratos modernista. Uma porta à esquerda, alta, entra ao fundo esguardo e outra à direita - mais. Ao fundo um armário-barr. Ao lado mesa - secretária, em cima telefone, ficheiro, papeis... Contar com a mesa um sofá.

Elsa é uma senhora de meia-idade de fisionomia simpática e inteligente, maneiras delicadas. Presença. Uma energia comunicativa. Clara de rosto anos. destincta, agradável e natural, mas com a alegria exuberante da sua juventude. Elsa está sentada no sofá; Clara de pé junto dela. Estão a tomar café.

Elsa - Estas horas de repouso a interromper o trabalho violento, como foi o de hoje, são indispensáveis...

Clara - Não creio abento o desparício... (Põe a charana na mesa e vai buscar a da Elsa)

Elsa - Obrigada. Ah! Ligue para o Sr. Silva, quem favor. Desejo citar no jornal. (Clara acende o telefone) Encarregue-se da publicidade, é competente, mas neste princípio de estação é necessário maior rigor.

Clara - (ao telefone) Desejo falar ao sr. Silva... Ah! Mas lhe conheço a voz. A sr.ª D. Ela vai falar. Che... (Põe o telefone a Elsa e cede-lhe o lugar)

Elsa - É a senhora Silva? Bem, obrigada. Tenho muito a dizer-lhe. Tem o seu trabalho bastante

a publicidade do novo Instituto. A Raízes nem falaria! É o anúncio dos  
jornais insignificante, um anúncio pequeno. Vê-se o começo a página  
cintaria e letras grandes de modo que todos leiam, mesmo sem querer.  
Instituto de Belas Artes. Pequeno bem destacado: Talento, Bondade, Honra. São  
as virtudes mais procuradas e mais rendosas. Em tipo mais pequeno.  
Também se fornecem distinção, audácia, elegância e outras qualidades  
de que o cliente necessita. Amável seriedade e sigilo. Casos admiráveis,  
milagrosos. Não esqueça lembrar publicos que as quartas-feiras até  
o meio-dia se atendem os pobres gratuitamente. Também tem  
o direito de querer aformosear o alma. A morada bem visível.  
Bom do Plano do Fomento 43 a 43 F. O prédio todo. Magníficas in-  
stalações. Uma obra social considerável. O Livro o rubro anúncio à  
Casa do Clã instalada no reg do clã, flamejante, vistoso, sem dizer que  
é da mesma empresa. A maior e mais elegante loja de livros.  
O Espalmanca - serviços emmerado; a mais típica e ~~folclórica~~ da  
capital, frequentada pela mais alta sociedade. Enfim, você. Eu compo  
o rannachete, como entender e sabe, além, além. Um abraço, i' Liba!

Clara - É dedicado...

Elza - É. Tem um defeito: a economia.

Clara - Gastam-se tantos contos de reis em publicidade!

Elza - Mas voltam e multiplicados. A aparência é a face do triunfo. As nossas  
reuniões nos terraços superiores do prédio, que ficaram lindos com os  
grandes chapéus de <sup>figuras</sup> tal sucesso e cadeiras de cores vivas e diversas, são  
também duplamente, ouas da maior conveniência. Dão oportunidade  
a resolver questões e emendas graves, desfazer incompatibilidades,  
negociar acordos importantes financeiros, fazer pazes entre casados

e namorados, calor de finestros interesses divididos, reconquista da  
solidade que certas senhoras e senhores perdem em casa ou no rua,  
enfim, enigmáticas e ofensas que se afogam num *ce.* ou num  
chiar de *sta.* Uma acção social admirável. 'Mas servio, uma hora de  
dança, gente conhecida, uma noite artística ou intellectual. Partidório, mas que  
afinas obriga a conversar umas fairs, um ou outro titulus, que *lupé* é muito  
apreciável, dá tom... Se a sua mãe meie, dava-nos um grande  
prazer.

Clara - Muito agradecida, sr. D. Elna, mas a minha mãe abandonou a vida de  
solidade...

Elna - Ora é que lá não, lá não! Insista!

Clara - (com um sorriso dehcado) Éa inútil. Eu, ~~uma~~ uma, venho porque é a mi-  
nha obrigação. Não fizes o menor sacrificio, é o meu dever. Cumpro-o com  
muito gosto.

Elna - (carinhosa) Eu sei. M'Esperaria-me de lha dar uma artista, que, supondo,  
devo ser agradável. Não meado e eu não a consideramos uma sim-  
ples empregada. A Clara é uma colaboradora muito útil e inteligente; mere-  
cedora de nossa grande estima e confiança e amada de todos a nossa confian-  
ça...

Clara - (modesta) Vou cumprir o melhor que posso, nada mais.

Elna - Felizmente o Instituto tende a desenvolver-se cada vez mais e a constituir um  
elemento indispensável na vida social. Os lucros, ~~tem~~ são mais do  
que compensadores. A Clara tem muito merito. Siquis não poderia su-  
portar tanto trabalho. Resolvemos duplicar-lhe o ordenado e interressa-la no  
lucro...

Clara - Ah! Sr. D. Elna, mas...

Ela - Esteja caladinho... É um acto de justiça. Eu fiz com a sociedade de Honra e da Verdade. A do Talento fica a seu cargo. Nas primeiras, há, por vezes, que tomar conhecimento e de transigir com certas irregularidades. É a vida, o negócio... A do Talento, quase se pode considerar... inocente.

Clara - E saberei corresponder à vossa generosidade?

Ela - Nunca duvide de si. É a melhor maneira de a dirigir brilhantemente. Nas outras secções de maior responsabilidade, decidimos o trabalho conforme vamos, como tem sucedido. O Instituto tem merecido um monumento. Vou é que se nos possam publicar em contos os casos de febre moral que temos edificado.

Clara - (indo) Desturam-nos fizes!

Ela - Quem? Alguns prejudicados ou sacrificados, que sempre houve. O mal mas tem amenda, existe sempre...

Clara - Isso é verdade.

Ela - E estamos desgraças, escândalos, deserdados...

Clara - É certo.

Ela - A ideia de meo murido de abrir a casa de chá, a Espelunca, típica, destruída e com, com fadas elegantes e folclóricos, foi excelente. Entram pela Espelunca, e ninguém sabe por quem ao Instituto. (Phonisa-se o quadro das campanhas. Campanha forte e prolongada) Já?!

Clara - A conversa fez-nos esquecer o tempo. Já quatro horas.

Empregada (parece à porta da Esquerda) Posso anunciar?

Ela - Muitos clientes?

Empregada. Alguns, em hora arrastada. Por muito marcado há para amanhã a chá regim-  
to, conforme os ordens do V. Ex.<sup>ta</sup>.

Ela - Fez bem. (Ulrich Valdez entra abruptamente pela mesma porta, e que provoca um espanto. É um homem coberto com um enfiado, fino, imponente. Tem

um tanto humilhado.) O sr. dr. Urbino Valdez! (Urbino faz-lhe o  
maio) Que surpresa! Que novo motivo o traz a esta sua casa?

Urbino - E realmente entrei como se fosse minha. Perceber mas... e que...

Ela - Precisa conversar amado?

Urbino - Com a maior urgência (Clara, que olha Urbino, com espanto e antipatia, afasta-se para o lado da porta)

Ela - (à empregada) Pode retirar-se. (Empregada vai e fecha a porta) Ora, sento-me pe-  
noso, sr. dr. Parece fatigado... Descansa... Que aconteceu?

Urbino - Foi... foi... (olha discretamente Clara)

Ela - (referindo-se a Clara) Com mais confiança, Clara! (Clara aproxima-se.) (representando) O sr.  
dr. Urbino Valdez... o sr. dr. Clara de... (Urbino fixa-a contrariado)

Clara - (com um forçado sorriso, cumprimentando-o sem se aproximar) Já nos conhecemos...

Ela - (moldando a ocupar-se cuidadosa de Urbino) Está fadado... as mãos frias. (olha para Clara  
que logo o compreende e vai ao armário buscar um copo e uma garrafa).

Urbino - (confidencial) O momento mais espantoso da minha vida! (baixo) Aflicto, fatigado, perdido...  
e minha reputação ameaçada!

Ela - (seco e sorridente) Todas as suas reputações vivem ameaçadas, as más mas merecem  
ameaças, nem é preciso... Um caso semelhante ao anterior?

Urbino - Muito peor.

Ela - Por que aqueles empieços negativos e atribuição de gratificações, e um tanto cheques  
ameaçados por inexistentes...

Urbino - Tudo isso é um grão de areia...

Ela - E um enorme grão!

Urbino - Comparado com o caso presente.

Ela - Vão mais que seje anais grãos. Contudo o caso actual é um grande triunfo  
para si e para o Instituto. E por digno, mas com habilidade tudo se resolveu  
para bem. Depois organizou-se o aquê banquete... trezentos talheres! Lá invenciam-

impulsivas e puerisimas - as freixas d'antão de um carácter e cora-  
ção. O do meu marido foi eloquentissimo e accusou os que se alimentam  
da calúnia e da inveja... Foi violento e aplaudido.

Urbano - Lembra-me. Grande amigo! (Clara entrega a Elsa um copo do vinho de Estívão  
e por um vez oferece a Urbino) Que é?

Elsa - Não! Não fuges, não tem. É um vinho de boa...

Urbino - (bebe) Bom vinho! (volta a olhar Clara com desconfiança).

Elsa - Muito útil para recolher forças.

Clara - Vou dar uma volta pelo salão e logo recei se ha algum caso de urgencia. (Vai  
para a Esquerda)

Elsa - Ora, então lá! Questões de dinheiro, e claro...

Urbino - Do muito dinheiro!

Elsa - Muito pouco. (Um dinheiro sujo, e uma porcaria, caso de cegueira... Quando  
é muito, é arreento, motivo de discussão, duvida... Dividem-se as opiniões. Vou  
chamar o meu marido. E questões de dinheiro, fraudes, deves, defalques, é  
acumulado, como sabe. Tem uma grande experiencia. (Vendo a porta da  
direita) Rudolf! Esteja denunciado. Vem'cosu recolher o seu caso.

Urbino - Le pedes!

Rudolf. (Tem um a mesma idade, simpático, astuto, expansivo) H. Meu amigo!  
(abraça-a) Já esperava a sua visita. Outra complicação financeira? Suspecta,  
atribuições malfeitas... Vimos a isto! Este apatito! Que é isto? Lembre-se  
daquela trapallada, ou trapallusa, de que nos saímos bo'baudente. (Ri)  
Definal foi um bom negocio para ambos e ficamos bem cobrados. Natureza  
montra? (Urbino finca a cabeça com um sorriso lamentoso) As minas  
de ouro?...

Urbino - Como sabe?!

Rodolfo - Admira-se? Estou sempre ao par das todas as operações financeiras, que podem ser vendidas, mas que têm sempre desfiladeiros tentadores a acompanhá-las. Já as tenho várias dificuldades morais a vencer. Remelho, amulo, eslabro em todos os sentidos e interesses os meus antagonistas. Por isso, não tenho opinião, nem compromissos de facção. Chego a cooperar em dois pontos de vista contrários. Deputo: "Ouro do ofício". A vitória está em salvar a posição moral e material do cliente.

Rodolfo - Ouro do ofício! Estou sempre bem informado das operações financeiras vendidas, mas que têm desfiladeiros tentadores... Chego a desferir e amulhar interesses antagonistas. Por cima de tudo está a posição moral do cliente. O doutor foi vencido pelo seu vício...

Valério - Vício?!

Rodolfo - Paixão, paixão... O negócio, o dinheiro.

Valério - É a minha vida! A exploração das minhas de vício, sugeria operações de que seria encarregado o Paulo Martins, Freitas e Costa. Consegui com a minha influência e habilidade tirar o negócio ao banco e meto-lo...

Ela - Comchunido da algarífera. Muito parabéns!

Valério - Todas as operações passaram para a minha casa bancária, mas... realmente.

Ela - Como sempre...

Valério - Tanto o Freitas como o Martins tinham por minha consideração e estima, confiaram-me as condições exigidas, ainda secretas, e os motivos, que os levaram a ser preferidos. Adoantai-me, oforei maiores vantagens, sobretudo, aparentemente, seguem, roubaihes o negócio. O perigo é este.

Ela - Isso é o melhor.

Rodolfo - Para ouvir.

Valério - O perigo é que ficaram fúria, cortaram as relações e...

Rodolfo - Admis-se? Estou sempre ao faz das todas as operações financeiras, que podem ser rendosas, mas que têm sempre desfiladeiros tentadores a acompanhar. Já vi tanta rixia de dificuldades morais a vencer. Remelho, amido, es-  
labro em todos os sentidos e interesses os meus antagonistas. Por vezes, não to-  
cho opinião, nem compromissos de faceza. Chego a copiar em dois pon-  
tos de vista contrários. Depois: "Causa do ofício". A vitória está em manter  
a posição moral e material do cliente.

Rodolfo - Causa do ofício! Estou sempre bem informado das operações financeiras  
rendosas, mas que têm desfiladeiros tentadores... Chego a desferir e amoldar  
interesses antagonistas. Acima de tudo está a posição moral do cliente. O dr.  
doutor foi vencido pelo seu vício...

Valério - Vício?!

Rodolfo - Paixão, oração... O negócio, o dinheiro.

Valério - É a minha vida! A exploração das minas de ouro, sugeria operações  
de que seria encarregado o Nuno Martins, Freitas e Costa. Consegui com a minha  
influência e habilidade tirar o negócio ao banco e meto-lo...

Ela - Concluiu-se a alijança. Muito parabéns!

Valério - Todas as operações passaram para a minha casa bancária, mas... realmente.

Ela - Como sempre...

Valério - Tanto o Freitas como o Martins tinham por mim consideração e estima, confiavam  
me as condições exigidas, ainda secretas e os motivos, que os levaram a ser prefe-  
ridos. Adiantei-me, fiz as maiores vantagens, sobretudo, aparentes, seduzi, roubei-  
thes o negócio. O perigo é este.

Ela - Isso é o melhor.

Rodolfo - Para mim.

Valério - O perigo é que ficaram fúteis, cortaram as relações e...

Rodolfo - (indo) Não fossem tolos. Tinham obrigação de conhecer e saber que o senhor goste tanto de dinheiro como eles.

Elsa - Tentaram - no. Isso não se faz. Abusaram da sua fragueza...

Rodolfo - Foi realmente uma tentação.

Elsa - É o sr. doutor cain. É natural. Sua astúcia o deixou cego!

Uelino - O Freitas foi meu íntimo amigo...

Rodolfo - É sócio!

Uelino - Depois desligou-se por certas discordâncias, e rompulo infantes... Eu fiquei com liberdade de acção e ele continuou apegado a preconceitos que o impo dem.

De que me faz acusações gravíssimas, de comprometer as, dis põe numa grande empresa jornalística e é uma pessoa séria, isto é verdade.

Estou em mãos lencas. Sta-a-me na minha honra, o meu ponto fraco é o seu ponto forte.

Rodolfo - Em verdade, a firma Martins, Freitas e Costa goza de grande crédito e é honrada, sejamos unipares e aqui para nós.

Uelino - O grande perigo é esse! Os velhacos, os grandes pulhês, são honrados!

Elsa - É abusam dessa força.

Uelino - Canallas! A honra é de vidro. Se mia - escagaceiram, fêz sem concerto. Fag-me, muita falta. Não dou mais um passo.

Elsa - Que transtorno!

Rodolfo - É um género de primeira necessidade, sobretudo, para um homem de negócios.

Uelino - É tão necessarios como o fôr. Não posso andar sem.

Elsa - (correndo) Andam tantos...

Uelino - De todo, não.

Elsa - O que se não vê, é tão pouco! É se não vê, adivinha-se, prevê-se...

Rodolfo - Tem succede contigo, que tens grande pateta e és o harrador. A grande mussonia que-

se pelo que está à vista...

Ela - É o bastante.

Rodolfo - É sempre convenientemente ocultar qualquer coisa. A pessoa só se desmocha de tudo quando é indispensável, como neste momento. O senhor Dr. Valdez tem de desmentir com facts o conceito de que se torna vítima. Consideram-no hesitante, ambicioso, avarento, egoísta... Ora ao capital corresponde uma despesa: ou, o seu vínculo de desmentir esse conceito, em gastar nimplicações e defensões...

Urbino - Não devo nada a ninguém, faço todas as minhas contas...

Rodolfo - Não fazer mal, mas é fazer bem. É preciso dar, valer ao que precisa, aumentar os ordenados aos que o servem...

Urbino - Dinheiro? Ganhei-o eu...

Rodolfo - Outros o precederam.

Urbino - Falta de juízo, de inteligência...

Rodolfo - De que mais comecem abusar...

Urbino - (exaltado) O senhor accusa-me?!

Rodolfo - Não!... Defenda-o. Querem desmascará-lo, derrubá-lo desse pedestal de importância e consideração, eclipsado só com o dinheiro, que anima a inveja, excita os inimigos, indigna os bons e assusta os fracos. O senhor sr. tem um amigo, tem dependentes obrigados a demonstrar amarelo, e apegos. É mas se accusa-la, derrubam-no.

Urbino - E se eles querem o dinheiro?

Ela - Todos nós.

Urbino - Consideram-me, então, perdido? Sim... talvez... compreendo... (Com desalento numa cadeira, lampa e envelope de carta e depois as sigaretas. Logo Ella e Rodolfo se aproximam com carinhosos). Então sim!

Rodolfo - Então, que sinto? Nós não valemos nada? Um de nós os homens forte e felizes